

Sexo com morangos

A ponta dos pés, o rabo do olho e a pele dos dedos

Hilan Bensusan

Tenho vontade de espremer da Matamoros, dos movimentos das Margaridas, das entrelinhas provocantes de algumas páginas de Tu Não Te Moves de Ti e dos morangos algumas insinuações sobre as experiências.

[Olhos fechados, morangos introduzidos pela boca, tocando a língua. Enquanto recebem o morango e o tocam, as pessoas dizem:

haecceitas, haecceitas, haecceitas

cada morango é um morango

haecceitas, haecceitas, haecceitas.]

1.A ponta dos pés

Há uma personagem na trama sensorial de Matamoros que traça o fio condutor de algumas de suas linhas:

desde sempre tudo toquei, só assim é que conheço o que vejo, tocava os morangos antes do vermelho, tocava-os depois gordo-escorridos, tocava-os com a língua também, mexia tudo muito...

Tocar no resto do mundo. Quando tocamos alguma coisa, uma parte do nosso corpo está ali naquela vizinhança. Tocar requer que estejamos em um lugar. Estejamos? Alguma parte do nosso corpo esteja em algum lugar. O que é um corpo? Em vez de responder de chofre (é um amontoado de órgãos que não é feito de órgãos; é uma confluência de nossos antepassados, nossas paisagens e nossos devaneios; é uma parte da natureza cercada por nossa alma—um jardim, é parte que nos cabe de um depósito de materiais), talvez seja mais cuidadosos apenas colecionar indícios. Jean-Luc Nancy lista um indício assim:

O corpo sente todo o tempo alguma coisa. Ele sente tudo o que é corporal. Ele sente as peles e as pedras, os metais, as ervas, as águas e as chamas. Ele não para de sentir. (Indício 12).

Ele não para de sentir porque ele está em algum lugar: estar em algum lugar, para um corpo, é tocar alguma coisa. A experiência de tocar é uma experiência que pertence à esfera de como as coisas são—melhor, de onde as coisas estão—pelo menos muito antes de estar na esfera de como conhecemos como e onde as coisas são e estão. Tocar alguma coisa é apenas estar naquela vizinhança: o prazer de tocar não é ainda o prazer de conhecer o que tocamos. Ou seja, me interessa quando tocamos sem nos tocarmos de que tocamos os morangos (vermelhos). Apenas estivemos por aí. Apenas sentimos nossa estadia (nossa? a estadia de uma parte de nosso corpo que está sempre a sentir) em alguma parte. Tocar é o que faz o corpo porque se tocar é o que faz quem quer conhecer o que tocamos. Nancy lista um indício seguinte sobre o corpo:

Entretanto quem sente é a alma. E a alma sente antes o corpo. Ela o sente de todas as partes que a contêm e a retêm. Se ele não a retém, ela se escapa toda em palavras vaporosas que se perdem no céu. (Indício 13)

Aquilo que é sentido, quando o corpo sente, já não lhe pertence. É de alguma parte de nós que precisa do corpo para sentir—precisa tocar no morango para se tocar que é morango. Se tocar é capturar significados, tocar é estar nos lugares. O toque talvez matamórico que me interessa é o toque que está e não o toque que está apreendendo. Minha mão sobre a mesa não está em uma escola, não está capturando mesidade na mesa, minha língua não está capturando moranguidade nos morangos, está nos morangos. De alguma forma parece que precisamos do que nos conta nosso corpo que toca para que nossas palavras não se percam no céu. Kant temia que conceitos sem intuições fossem vazios; mas o que são as intuições que conteriam e reteriam no corpo as palavras? Elas seriam talvez as mensagens que trazemos de onde tocamos na linha de transmissão que começa nas nossas terminações nervosas: daquilo que tocamos quando tocamos. Mas o toque que não está apreendendo é o toque que apenas está lá, o toque que sai de mãos abanando. Talvez o toque que traga conhecimento, mas apenas o conhecimento de quem não apreendeu nada. O conhecimento apenas de quem esteve lá, a curiosidade que apenas me fez chegar, não a que me fez trazer. Szyborska uma vez escreveu um poema versos que quase me interessa—eu preciso riscar apenas um verso: :

*Eu toco na porta da frente da pedra
E digo: “É apenas eu, deixe-me entrar
Quero penetrar nos seus interiores
Dar uma olhada
Respirar um pouco dos teus ares...”*

*“Vá embora”, responde a pedra.
“Eu estou fechada
mesmo que você me quebre em pedaços
nós todas estaremos ainda fechadas
Você pode nos triturar em areia
E ainda assim nós não te dexaremos entrar”*

*Eu toco na porta da frente da pedra
E digo: “É apenas eu, deixe-me entrar
Eu vim apenas por curiosidade
Destas curiosidades que só a vida pode saciar
Queria perambular através de seu palácio,
Então visitar uma folha, uma gota d’água.
Eu não tenho muito tempo.
Eu não tenho dois mil séculos
Eu escutei dizer que você tem grandes corredores dentro de você.
Vou entrar e sair de mãos vazias
Levarei apenas algumas palavras”*

*“Você não pode entrar
você não sabe o que é ser parte.
Nada do que você sente compensa esta falta
Mesmo sua capacidade de ver os todos
Não serve para nada sem você saber o que é ser parte
Disto você só tem a semente: imaginação”*

*Eu toco na porta da frente da pedra
E digo: “É apenas eu, deixe-me entrar
Deixe-me estar sob o seu telhado
Tudo na minha vida é rápido e transitório
É apenas eu, deixe-me entrar”*

“Eu não tenho porta”, diz a pedra.

Szymbroska, se não quiser carregar nem palavras, quer apenas estar dentro da pedra (dentro da folha, da gota d'água). É apenas a curiosidade pelos lugares, não ainda a curiosidade de quem quer encontrar uma resposta. O sensorium de quem sente neste sentido quase-matamórico é como a ponta dos pés que nos conduz para algum lugar ao invés de ser o meio para o fim de aprendermos que coisa pisam nossos pés. A experiência parece ter este elemento de estar em alguma parte—a experiência pertence à ordem de onde as coisas (e nossas partes de corpo) estão. A experiência, a filosofia suspeitou de uma multidão de maneiras, é um item com dupla cidadania, pertence a este terreno das coisas e onde elas estão e pertence à esfera do nosso conhecimento delas: à *ordo essendi* e à *ordo cognoscendi*. Este último passaporte pauta a maior parte das discussões sobre a experiência que gente como eu acaba se metendo. Mas, e se víssemos a experiência apenas como uma parte da *ordo essendi*?

Esta sugestão talvez seja possível apenas porque pensamos no tato, nos toques. Quando tocamos alguma coisa, estamos ali—e mais, não podemos tocar sem ser tocados. O tato é a experiência sensível que requer uma forma de reciprocidade; quando olhos olham alguém eles podem não estar sendo olhados. Os ouvidos não precisam ser escutados para escutar. Os cheiros podem ser sentidos sem que o nariz seja cheirado. Também o paladar de uma parte do corpo que não seja uma língua pode ser degustado sem que a língua que deguste seja também degustada. É certo que o olfato e a audição são nossos sentidos conspícuos: eles podem não ser percebidos enquanto sentem, em algum sentido o triângulo em nossos rostos que se desenha entre o nariz e os dois ouvidos é um triângulo de uma certo caráter retirado; estes órgãos podem perceber despercebidamente, eles não precisam se expor para sentir. O tato precisa estar: precisa meter a mão no que vai sentir. E nossa imagem mais a mão da experiência—como de quase tudo o mais, por exemplo, do pensamento quando falamos de *imagem* da experiência—é optocêntrica. Ou seja, tomamos a experiência visual como protótipo de toda experiência: vemos pela experiência, podemos adquirir uma imagem da situação ou uma visão do mundo etc. Os olhos, na vizinhança do triângulo retirado, pode ser entendido como retirado das coisas a contemplá-las de longe e o pensamento que se entende como pares de olhos também fica alheio e começa a se enxergar (sim, enxergar) como independente de como e onde estão

todas as coisas que enxerga. Já com a pele, não podemos apenas contemplar, não podemos ser voyeuristas, não podemos não nos meter. Se pensarmos no pensamento com a pele, ele fica enfiado nas coisas, como se precisasse estar naquela vizinhança para poder ter aquelas coisas como temas. Os olhos, maleáveis, não são conspícuos como os narizes e os ouvidos, eles podem ser vistos vendo. O olhar toca quando ele pousa em algum lugar, o olhar também se desloca e o feixe da visão fica em alguma parte.

[Abrir os olhos e recitar:

haecceitas, haecceitas, haecceitas

cada parte do mundo é uma parte do mundo

haecceitas, haecceitas, haecceitas.

Fechar os olhos outra vez. Dedos conduzidos pelas partes dos corpos de outras pessoas presentes. Tocar outras peles e recitar

haecceitas, haecceitas, haecceitas

cada pele de dedo é uma pele de dedo

haecceitas, haecceitas, haecceitas.]

2.A pele do dedo

Duns Scottus, no século XIII, chamou de *haecceitas* a propriedade não-qualitativa que faz com que um particular seja um particular. Meu clone não é eu porque não tem minha *haecceitas*. Cada morango é um morango porque tem a sua *haecceitas*. Minha língua sobre o morango, toca aquele morango se está naquele morango, a língua, porque está, quando está tocando está (apenas) na *haecceitas*. A pele do dedo está apenas em (mesas, morangos, árvores, ombros ou rostos) particulares puros. A pele do dedo não antevê, não antetoca. Ela não tem uma forma de pressentimento, de pressensação. A *haecceitas* é a propriedade da diferença entre uma coisa e outra: eu não posso ser implementado em você, você não pode ser instanciado em mim. A *haecceitas* faz a diferença entre o morango que você antevê de olhos abertos e o morango que você toca com os lábios de olhos fechados: é aquele morango, individual, apenas aquele. Na *ordo essendi*, a *haecceitas* é uma propriedade que não tem qualidade e que individua. Scottus quer resolver o problema da individualidade (da particularidade) das coisas:

O sentido da questão acerca da individuação é o seguinte: o que há nesta pedra que a torna absolutamente diferente de todas as suas partes no tipo de divisão que é característica de um todo universal dividido em suas partes? Scotus, Ordinatio II.

Estou a conectar o tato com a *haecceitas* porque quando tocamos nos metemos e nos metemos em particulares *istos*. Na *ordo cognoscendi*, a pergunta pela *haecceitas* é a pergunta sobre como podemos pensar a diferença. A coisa é escabrosa porque não parece poder haver nenhum conteúdo pensável sem alguma natureza—em geral, falamos de conceitos como universais por meio dos quais poderemos capturar alguma mensagem a partir da experiência. Kant insistia que intuições sem conceitos são cegas—não vêem nada. Podemos dizer que elas não se tocam de nada—ou que nós não nos tocamos de nada. Mas quando nos tocamos de alguma coisa, com conceitos, já projetamos os palavreados que fazem com que acreditemos que assim são as coisas. Se tivermos um

nome para cada coisa (para cada específica *haecceitas*) não podemos determinar sobre o que falamos e nem falar como são as coisas. Mas quando pensamos nas coisas do alto de nossas capacidades conceituais que exprimem nossa capacidade de detectar as qualidades naquilo que experimentamos (inclusive as qualidades nas qualidades que experimentamos), perdemos de vista a *haecceitas*. Nosso esforço por trazer alguma coisa de onde nós estivemos, coloca o *recuerdo* que trouxemos de nossa viagem para não voltarmos de mãos vazias dentro de nossa casa. Ficamos com aquela imagem de barro da *pachamama* dentro de casa e com o evento de termos estado alhures. A *acquaintance* a que Russell dava importância no seu guia turístico da *ordo cognoscendi* é alguma coisa que não carregamos—carregamos o *recuerdo*, apenas para pô-lo dentro de casa. Parece, assim, que é a *haecceitas* ela mesma que quer ter a dupla cidadania, quer ser elemento que resiste a domesticação dos particulares que promove os grilhões dos nossos conceitos e quer ser parte do mundo, propriedade sem qualidades. Haverá um jeito de abrigá-la na *ordo cognoscendi* ou ela está fadada a naufragar em uma *patera* antes de alcançar a costa?

Também nós, e nossas mãos, nossas línguas, nossos olhos e nossa pele, têm *haecceitas*: nosso corpo em particular. São particulares esbarrando em particulares. Nancy tem outros indícios sobre o corpo que dizem assim:

Os corpos são diferenças. São, portanto, forças. Os espíritos não são forças: são identidades. [...] Um corpo é uma diferença. Como ele é diferença de com todos os outros corpos—enquanto os espíritos são idênticos—ele não para jamais de diferir. Ele difere também de si mesmo. (Indícios 20 e 21).

Quando uma língua com sua *haecceitas* toca em um morango com sua *haecceitas*, não há só aí nada que possa ser enunciado, nada que possa ser apresentado a um tribunal que dê entrada ao que pode pertencer ao que nós conhecemos. Quando tocamos alguma coisa, apenas estamos em uma vizinhança: podemos pensar em tocar como sendo um fim e não um meio para se tocar de alguma coisa. Talvez Matamoros só tocava assim, uma maquina tocante—a subversão de um corpo que simplesmente está. Aliás de partes do corpo que estão: tocar assim parece um movimento de dança; estou aqui, estou ali. José Gil descreve Cunningham como recusando todo referente do movimento que não seja o próprio movimento e pergunta se pode o movimento por si só suscitar o movimento. O movimento de quem quer tocar para alcançar a estar ali onde quer tocar e não para trazer alguma coisa para cá pode ser alguma coisa parecida com o movimento que suscita o movimento: quero apenas penetrar nos interiores da pedra e saciar uma destas curiosidades que só a vida pode saciar. Tocar a *haecceitas* das coisas e partir, a pele do dedo, como a ponta dos pés, estando sempre em alguma parte—tocando sempre alguma *haecceitas*.

3. O rabo do olho

Mas Matamoros não é apenas quem toca e é tocada pelo que aparece e que deseja inapelavelmente tocar e ser tocada. E nós não somos apenas ponta dos pés, pele dos dedos e estes corpos que não param de tocar e serem tocados. Somos também, por

exemplo, as políticas da palavra escrita. Matamoros é também, por exemplo, uma mulher heterossexual. Ela revela logo no começo:

toquei os meninos da aldeia, me tocavam, deitava-me nos ramos e era afagada por meninos tantos, o suor que era o deles se entrava no meu, acariciávamo-nos junto às vacas, eu espremia os ubres, deleitávamo-nos em suor e leite e quando a mãe chamava o prazer se fazia violento e isso me encantava

Com o rabo dos olhos, enquanto toca, Matamoros deseja e não contém e nem retêm seu desejo de tocar aonde ela quiser colocar uma parte do seu corpo e de ser tocada aonde ela quer que esteja alguma parte de algum outro corpo. Matamoros deseja, deseja tocar, deseja ser tocada. Mas este desejo está no meio de uma ordem e, nela, de uma *ordo* tanto *essendi* quanto *cognoscendi*. Porque o toque é colonizado por nossa vontade de se tocar, ele é agenciado por uma *ordo cognoscendi*. Porque o toque é colonizado por nossos conceitos e tipos de toques, ele é agenciado por uma ordem sexual. O desejo de tocar se insere numa certa ordem sexual onde o desejo realizado de tocar nos meninos subverte o roteiro pudico e passivo traçado pelo soslaio para as meninas como Maria Matamoros. E contrasta com algumas personagens—sem *haecceitas*—das fantasias masculinas, acatadas e que esperam a chama ser despertada para exprimir a força dos desejos que guardam. Hilst gosta de se pendurar em uma linha tênue entre as personagens femininas que realizam seus desejos e as personagens femininas que realizam os desejos dos leitores. Agora, para que serve uma personagem de um texto escrito, para levar uma mensagem ou apenas para ocupar um lugar? Personagens fazem experiências e estas experiências aparecem em palavras; palavras do fim retraçam e reescrevem as palavras do começo. Personagens, no entanto, traçam também uma vida para além das tramas, um horizonte para além do fim da estória, para além das grades dos acontecimentos subsequentes—promovem olhos levantados das páginas cheias de palavras e traçam linhas de fuga.

Matamoros é arrematada por Meu. Seu desejo de tocar entra dentro de um quadro emoldurado de possessão, ódio à Haiaga, suspeita e finalmente por um cenário electriciano. Agora Matamoros é domesticada, entregue à fantasia masculina da mulher que é arrebatada e se rende. A personagem do toque se torna personagem da trama de família. Neste quadro, ela fica confinada em uma trama e, no entanto, não deixa de ser a personagem que toca. Em uma paisagem, onde ficam as linhas de fuga? Onde ficam os espaços que ficaram abertos antes que as paredes foram levantadas? É claro que Hilda Hilst gosta de esculpir hastes e corolas feitas de carne com suas entrelinhas—e o que fica sendo isto de tantos toques no meio de uma trama?

